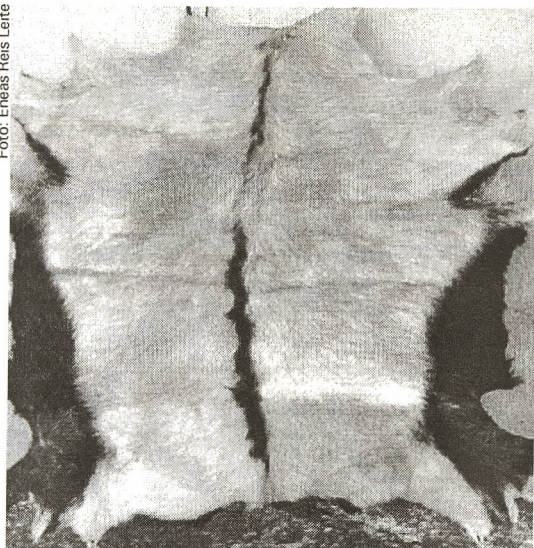


Foto: Enéas Reis Leite



Análise da cadeia produtiva de peles e couros no Brasil

Edson Espíndola Cardoso¹
Alberto Gomes²
Viviani Silva Lfrio³
Enéas Reis Leite⁴
José Ferreira Teixeira Neto⁵
Marcos Eduardo Coutinho⁶
Geraldo Maria da Cruz⁷
Manuel Antônio Pacheco⁸
Maria de Lurdes Molarinho Velly⁹

Introdução

O complexo agroindustrial brasileiro tem-se destacado, historicamente, na economia nacional. Na medida em que se ampliaram e aprofundaram as relações envolvendo a agricultura com os setores a montante e a jusante dentro das cadeias produtivas, expandiram-se, simultaneamente, suas conexões com os mais diversos segmentos da economia.

Assim, quaisquer alterações macroeconômicas e/ou setoriais, que afetem um ou mais dos elos constitutivos do complexo agroindustrial, repercutem, em variados graus, sobre a estrutura econômica nacional. De forma análoga, impactos sobre outros setores, que não da produção agropecuária direta, podem engendrar efeitos diversos sobre as cadeias produtivas agroindustriais, dentre as quais a das peles e couros.

Para se ter uma idéia da representatividade do agronegócio na economia brasileira, esse conjunto de atividades gera, aproximadamente, um terço do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, emprega grande número de trabalhadores e responde por cerca de 35% do total das vendas domésticas no exterior.

Nesse contexto, vale destacar que, segundo o Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil (CICB), apenas o setor de peles e couros bovinos gerou, no ano de 2000, aproximadamente US\$ 1,85 bilhão em divisas. Com certeza, se fosse considerada a participação do valor agregado pelas exportações de peles de animais de médio e pequeno portes e pelas espécies silvestres, estas ainda não adequadamente contempladas pelas estatísticas oficiais, essas cifras atingiriam patamares ainda mais elevados.

¹ Adm., CRA-MS Nº 0425, Embrapa Gado de Corte, Rodovia BR 262 km 4, Caixa Postal 154, CEP 79002-970 Campo Grande, MS. Endereço eletrônico: espindol@cnpqg.embrapa.br

² Méd.-Vet., Ph.D., CRMV-MS Nº 0104, Embrapa Gado de Corte. Correio eletrônico: gomes@cnpqg.embrapa.br

³ Economista, Ph.D., UFV 7784-4, Universidade Federal de Viçosa, Rua Santo Antônio, 250/02 - João Brás, CEP 36570-000 Viçosa, MG. Endereço eletrônico: vsilrio@mail.ufv.br

⁴ Eng.-Agr., Ph.D., CREA Nº 1.755-D, 9ª Região, Embrapa Caprinos, Caixa Postal D-10, CEP 62011-970 Sobral, CE. Endereço eletrônico: eneas@cnpqg.embrapa.br

⁵ Eng.-Agr., M.Sc., CREA Nº 1.231, Embrapa Amazônia Oriental, Travessa Enéas Pinheiro, s/n, CEP 66095-100 Belém, PA. Endereço eletrônico: teixeira@cpatu.embrapa.br

⁶ Ciências biológicas, Ph.D., CFB 18380-01-D, Embrapa Pantanal, Rua 21 de Setembro, 1.880, CEP 79320-900 Corumbá, MS. Endereço eletrônico: coutinho@cpap.embrapa.br

⁷ Eng.-Agr., Ph.D., CREA 9.967-MG, Embrapa Pecuária Sudeste, Rodovia Washington Luiz, km 234, Caixa Postal 339, CEP 13560-970 São Carlos, SP.

⁸ Ecólogo, Ph.D., Conselho NRE 7406.2, IPT - Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, Rua Ana Maria Sola Telini, 3.368, Bairro Jardim Angela Rosa, CEP 14403-674 Franca, SP. Endereço eletrônico: jacinto@francanet.com.br

⁹ Pesquisadora da Fundação Oisca Brasil, Rua Roberto Augusto Tavares, 127, CEP 12246-110 São José dos Campos, SP. Endereço eletrônico: vellym@uol.com.br

A constatação dessa relevância, em conjunto com a presença de distorções nas regras do comércio internacional, para produtos agroindustriais, deixa claro que quaisquer modificações nas políticas econômicas, ao afetarem instituições e regras-chave da economia, influenciam, direta e indiretamente, todo o agronegócio brasileiro. Em virtude da grande interdependência setorial, esses reflexos ganham vulto e incidem sobre importantes variáveis relacionadas com o bem-estar da sociedade, com destaque para a distribuição da renda e para a preservação do meio ambiente.

O Brasil está vivenciando acelerado processo de internacionalização; a globalização de sua economia repercute em todos os aspectos econômicos e políticos do País. Os eventos econômicos e suas implicações políticas e sociais não podem ser tratados isolados.

É necessário repensar a participação governamental em um cenário ainda sem regulamentação definida, e onde vigora a iniciativa privada. Nesse aspecto, alguns critérios devem ser respeitados, como organização, representatividade e poder de negociação. Assim, tendo em vista a necessidade da construção de parcerias entre o governo e o setor privado, as cadeias agroindustriais domésticas precisam melhorar a eficiência de seus segmentos, uma vez que somente serão competitivas se puderem contar com uma maior organização dos produtores, com mais atenção na formulação dos contratos relativos à agricultura e com maior ênfase no agronegócio internacional e nas novas exigências mercadológicas.

Dessa forma, as vantagens comparativas tradicionais deixaram de ser determinantes da produção e da exportação, cedendo lugar a um contexto no qual os fatores decisivos podem ser internos ou externos à organização empresarial. Os elementos externos dizem respeito à infraestrutura existente no País, às tendências de comércio mundial, às políticas macroeconômicas e comerciais, ao apoio à pesquisa e ao desenvolvimento, à distribuição espacial da produção, às políticas regulatórias de proteção à propriedade industrial, de preservação ambiental e de qualificação da mão-de-obra.

No cenário internacional, a demanda por couros bovinos tem-se mostrado estimulante, principalmente em virtude dos problemas de saúde animal ocorridos na Europa nos últimos dois anos. Nesse contexto, apesar de a qualidade do produto brasileiro encontrar-se aquém dos padrões desejados, sua exportação vem experimentando sensível incremento. Se o produto brasileiro possuir melhor qualidade, seguramente o País poderia ampliar sua competitividade no cenário internacional. Ressalta-se, ainda, a crescente busca por produtos alternativos extraídos da pele animal, para serem aproveitados nas áreas alimentar, cosmética e biomédica. A exemplo, por meio de processos

biotecnológicos, já é possível obterem-se lâminas de queratina, queratina em pó, colágeno (gel e pó), dentre outros.

Nesse particular, fica claro que o desenvolvimento agroindustrial se processa, atualmente, em um contexto inteiramente diverso do existente há algumas décadas. Antes, a preocupação central com respeito à questão agrícola era relativa à produção auto-suficiente de alimentos. Hoje, é preciso dar ênfase à geração de fluxos de renda e à continuidade da capacidade competitiva. No passado, as abordagens setoriais sob uma perspectiva nacional eram adequadas, mas agora o setor de alimentos e de agricultura da maioria dos países só pode ser compreendido sob um prisma sistêmico e no contexto de uma economia mais ampla, que atenda aos padrões atuais de comercialização internacional.

A importância da cadeia produtiva de peles e couros no Brasil

A Cadeia Produtiva de Peles e Couros, em conjunto com o Sistema Agroindustrial das Carnes, encontra-se entre os segmentos de grande potencial competitivo e inserção internacional. Essa afirmativa ganha ainda mais destaque quando se considera que as pesquisas em peles e couros vêm assumindo um caráter mais abrangente, extrapolando as ações usuais de aplicação do produto em manufaturados e artefatos em peles e couros, entre outros.

Com o suporte da biotecnologia, diversas ações têm sido direcionadas à transformação da proteína animal em substâncias essenciais ao desenvolvimento da indústria farmacêutica e cosmética, com amplo uso na medicina reparadora e na indústria alimentar. Pesquisas recentes constataram que as peles de algumas espécies animais contêm oito dos nove aminoácidos essenciais à sobrevivência humana (INPI/PI, 2001). Tais inovações descortinam novas possibilidades para o segmento de peles e couros e devem receber atenção especial, principalmente por permitirem, por meio da agregação de valor, vantajosos retornos aos participantes desse mercado.

Hoje, a potencialidade do setor coureiro pode ser diagnosticada por diferentes indicadores. Em termos quantitativos, os números que envolvem a produção no Brasil são bastante expressivos, chegando, no ano 2000, a 32,5 milhões de couros bovinos (cerca de 10% do mercado mundial) e 7,3 milhões de peles de ovinos e caprinos (CICB, 2000; Mato Grosso do Sul..., 2001).

Além disso, a relevância do segmento respalda-se na geração significativa de divisas para o País, bem como pela geração de emprego e renda. No ano 2000, o valor das exportações de carnes rendeu US\$ 760 milhões, enquanto que o setor de couros e manufaturados atingiu US\$ 2

FOL
2372
ex. 2
CNPq
M. Antonio
13062003
10/105-2

bilhões, e a previsão para 2002, nessa mesma área, é de US\$ 3 bilhões. Em relação ao aproveitamento da mão-de-obra nacional, o CICB afirma que poderiam ser gerados 300 mil empregos imediatos, ao custo de US\$ 1 mil, caso se consiga atingir um controle qualitativo e quantitativo das peles e couros produzidos no Brasil. Já na indústria automobilística, o custo de geração de um posto de trabalho gira em torno de US\$ 1 milhão, segundo as estatísticas governamentais.

Mesmo diante de indicadores que atestam a importância do setor de peles, couros e derivados, é de razoável consenso que existem entraves relevantes à ampliação da sua eficiência e competitividade no País. No caso do couro bovino, pesquisas atestam que o Brasil deixa de ganhar cerca de US\$ 900 milhões anuais, em virtude da baixa qualidade do couro produzido e dos descompassos entre a oferta nacional e a demanda pelo produto (CICB, 2001). Salienta-se que 85% dos couros produzidos no Brasil apresentam defeitos e desse montante, 60% ocorrem dentro das propriedades rurais e, 40%, na trajetória propriedade – curtume.

O que se percebe é que a carência de informações seguras sobre o “produto couro”, ainda nas propriedades rurais, constitui entrave fundamental a ser superado. A exemplo cita-se o fato de que, no Rio Grande do Sul, na época de parição, os cordeiros que morrem são descartados, sem a utilização dos couros. Ao mesmo tempo, a indústria calçadista dessa região utiliza, em sua produção, material sintético para forro de botas, com prejuízos para ambos os lados.

Adicionalmente, é importante considerar três questões:

- A localização geoclimática do Brasil, com zonas favoráveis à proliferação de microorganismos, bem como ao desenvolvimento de miases cutâneas, exige esforços adicionais nos processos de beneficiamento primário e no processamento das peles e couros.
- As práticas hoje utilizadas nos frigoríficos requerem ações corretivas no sentido de melhorar o produto a ser usado pelo curtume, evitando-se resíduos indesejáveis, normalmente mantidos em virtude dos critérios de venda (por quilo).
- O tratamento adequado dos resíduos do processamento (primário e curtimento) demanda o desenvolvimento de processos e produtos visando minimizar os impactos ambientais.

Portanto, fica evidente a necessidade de aperfeiçoamento dos produtos e processos de produção e a certeza de que esforços nesse sentido propiciariam ganhos sensíveis para todos os envolvidos.

Com vistas a desenvolver ações para o incremento da produção de peles e couros de qualidade, para utilização industrial, alimentar e biomédica, tanto para atender à demanda nacional como internacional, foram traçados alguns objetivos específicos, quais sejam:

- Desenvolver ações ecologicamente sustentáveis para a cadeia produtiva de peles e couros.
- Fomentar o controle qualitativo e quantitativo da produção de peles e couros no Brasil.
- Desenvolver pesquisas com espécies da fauna silvestre e doméstica, visando a estimular a produção e a criação de novos mercados, tanto para os usos tradicionais desses animais quanto para emprego nas áreas da medicina e nutrição humana.
- Fomentar a difusão de informações, tecnologia, resultados de pesquisas e estudos, para o desenvolvimento produtivo da cadeia analisada.
- Desenvolver pesquisas de mercado a fim de que possam ser dimensionadas as demandas atuais e potenciais para cada produto.
- Promover estudos visando ao aprimoramento dos mecanismos de regulamentação e controle das peles e couros de animais silvestres.

A seguir são fornecidas algumas recomendações para desencadear os processo de melhoria de todas as etapas da cadeia produtiva:

- Realizar, para o produtor rural, seminários, palestras técnicas e produção de folder, cartazes etc., sobre a importância econômica das peles e couros.
- Desenvolver cursos, seminários e produção de material didático, voltados para transportadores, abatedouros e frigoríficos, visando minimizar os danos oriundos do transporte e da esfola inadequados, do destino das aparas e do armazenamento das peles.
- Estimular a criação de cursos e produção de material bibliográfico, para a qualificação da mão-de-obra e a redução do uso de produtos químicos no processo de curtimento.
- Estudar e desenvolver técnicas ambientais sobre reciclagem de banhos e tratamento de subprodutos e efluentes.
- Fomentar o desenvolvimento de um padrão de classificação de couros e peles, a partir do qual se possam estabelecer critérios de remuneração com base na qualidade da matéria-prima.
- Desenvolver e implementar pesquisas em peles e couros, buscando com isso elevar o padrão de qualidade para consumo interno e ampliar a competitividade do produto no mercado externo.
- Fomentar estudos na área de biotecnologia para aproveitamento de peles de animais silvestres visando

à produção de novas matérias-primas para as áreas biomédica, de cosméticos e alimentar.

- Fomentar a implantação de modelos-piloto integrando produtores, frigoríficos e curtumes, visando maior eficiência no processo produtivo.
- Estimular a criação de câmaras setoriais de pecuária de corte nos Estados, nas quais serão discutidos todos os problemas da cadeia produtiva das peles e couros.
- Viabilizar a implantação de um modelo integrado de exploração racional da fauna silvestre, com aproveitamento integral.
- Elaborar e implementar programas específicos de capacitação de mão-de-obra para exploração de animais da fauna silvestre, incluindo a manipulação de peles.
- Desenvolver sistemas de verticalização da produção agropecuária, com ênfase em pequenos ruminantes.
- Estudar e propor metodologias com vistas à emissão de certificados de qualidade para peles e couros.
- Desenvolver e implementar pesquisas sobre controle de ectoparasitas, com manejo adequado, visando melhorar a qualidade das peles e couros de animais domésticos e silvestres.

Referências bibliográficas

AMARAL, M. Por que não damos no couro. **Globo Rural**, São Paulo, v. 2, n. 21, p. 32-40, jun. 1987.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS QUÍMICOS E TÉCNICOS DA INDÚSTRIA DE COURO – ABQTIC. **Guia brasileiro do couro**. [S.l.], 1996. p. 6-14.

CENTRO DAS INDÚSTRIAS DE CURTUMES DO BRASIL. **Couro, esse negócio vale ouro e rende muito mais que a carne**. Brasília, DF, 2000. p. 4.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA. INSTITUTO EUVALDO LODI. Núcleo (Florianópolis, SC). **Relatório de missão dos pesquisadores alemães aos curtumes brasileiros**. Florianópolis, 2000. 9 p.

FÓRUM DE COMPETITIVIDADE, 2001. **Cadeia produtiva de couro e calçados**. [S.l.]: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – Secretaria de Desenvolvimento e Produção, 2001. Paginação irregular.

GOMES, A. Como melhorar a qualidade do couro. **Gado de Corte Informa**, Campo Grande, v. 10, n. 3, p. 3, set. 1997.

GOMES, A. Couro mal tratado. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 15 dez. 1999. Suplemento Agrícola “curtas”.

GOMES, A. Couro, um mercado de bilhões. **Folha do Paraná**, Londrina, 25 dez. 1999.

GOMES, A. Embrapa entra no debate sobre aproveitamento do couro no Mato Grosso do Sul. **Gazeta Mercantil**, Campo Grande, 13 dez. 1999. p. 3.

INSTITUTO EUVALDO LODI. Núcleo Nacional (Brasília, DF); CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA (Brasília, DF); SEBRAE NACIONAL (Brasília, DF). **Estudo sobre a eficiência econômica e competitividade da cadeia agroindustrial da pecuária de corte no Brasil**. Brasília: IEL, 2000. 416 p.

MATO GROSSO DO SUL: estímulo à indústria do couro. **Courobusiness**, Brasília, DF, v. 4, n. 18, p. 38-40, 2001.

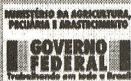
MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Produção e Desenvolvimento Sustentável. **Plano de desenvolvimento industrial de Mato Grosso do Sul PDI/MS – Síntese Executiva**. Campo Grande, 2000. Paginação irregular.

PARA onde vai o couro brasileiro. **Courobusiness**, Brasília, DF, v. 3, n. 12, p. 34-37, 2000.

PORTUGAL, A. D.; REIFCHNEIDER, F. J. B.; CONTINI, E.; OLIVEIRA, A. B. Taxa voluntária de desenvolvimento tecnológico (Agromais) – Um mecanismo inovador de financiamento para a pesquisa, desenvolvimento e promoção do agronegócio. **Idéias & Debate**, Brasília, p. 5-17, 1999.

Comunicado Técnico, 68

Exemplares desta edição podem ser adquiridos na:
Embrapa Gado de Corte
 Endereço: Rodovia BR 262, km 4. Caixa Postal 154
 79002-970 Campo Grande, MS
 Fone: (67) 368 2064
 Fax: (67) 368 2180
 E-mail: publicacoes@cnpgc.embrapa.br



1ª edição
 1ª Impressão (2001): 500 exemplares

Comitê de publicações

Presidente: *Caçilde Borges do Valle*
 Secretário-Executivo: *Osni Corrêa de Souza*
 Membros: *Ecila Carolina N. Z. Lima, Ezequiel R. do Valle, José Reul Valério, Manuel Cláudio M. Macedo, Maria Antonia M. de U. Cintra, Ténisson W. de Souza, Valéria P. B. Euclides*

Expediente

Supervisor editorial: *Ecila Carolina N. Z. Lima*
 Revisão de texto: *Lúcia Helena Paula do Canto*
 Tratamento das Ilustrações: *Paulo Roberto D. Paes*
 Editoração eletrônica: *Ecila Carolina N. Z. Lima*